

Uma Visão Antropológica do Patrimônio Cultural: Museu e Parque Mariano Procópio(MG) e seus diferentes sentidos e significados¹.

Sami Sanchez Júnior ²

Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF/ MG.

Resumo

O presente trabalho procura discutir as formas que os diferentes atores sociais fazem uso dos dois espaços popularmente conhecido na cidade de Juiz de Fora(MG): O Museu Mariano Procópio e o Parque Mariano Procópio(O Museu está dentro do Parque). Com isso, busca analisar de uma forma binária, opondo o espaço sagrado (museu) e o profano (parque); individualismo (museu) e holismo (parque) segundo as diferentes manifestações realizadas por seus agentes. Destaco ainda a importância do turismo na manutenção e dinâmica dessas ações.

Palavras-chave: Patrimônio; Simbolismo; Práticas Sociais; Turismo.

Introdução

Durante décadas a antropologia foi palco de uma discussão que versava sobre magia, ciência e religião nas sociedades tradicionais e sociedades modernas. Alguns antropólogos pensavam que a sociedade tradicional era primitiva e não possuía uma racionalidade que a sociedade moderna ou “complexa” tinha. Portanto, a magia era uma característica da primeira sociedade e a ciência era uma capacidade adquirida pela sociedade moderna. Dentro dessa discussão, Lévi-Strauss abordou a questão destacando que os seres humanos eram psiquicamente unos, lançando mão da idéia de “termos binários” (PEIRANO, 2002:18). Tal idéia remete a proposição de que o homem fomenta o seu pensamento através de contraposição de idéias. Em outras palavras, pensamos em pares opostos como, por exemplo, claro-escuro; luz-treva; bom-mal; esquerdo-direito; sagrado-

¹ “Trabalho apresentado ao “GT 10 – Antropologia, Turismo e Responsabilidade Social: sentido e significado da diferença” no IV Seminário de Pesquisa de Turismo do MERCOSUL – Caxias do Sul, 7 e 8 de julho de 2006.

² Licenciado em História pela Universidade Federal de Juiz de Fora / MG em 2003. Mestrando pelo curso de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora, na área “Práticas Sociais e Representações Simbólicas”. tendo o início do curso no 1º semestre de 2005. Endereço eletrônico: samisanchezjunior@hotmail.com.

profano, céu (alto) – inferno (baixo ou submundo) e etc., no entanto, tendo uma variação cultural de cada sociedade, sem que a estrutura seja diferente (estas questões não estão inerentes no mundo, são questões culturais).

Com isso, utilizando o conceito binário, busco destacar o comportamento dos indivíduos em diferentes espaços: o lado interno do Museu Mariano Procópio, composto pelas obras que receberam um valor pelos agentes detentores do “capital cultural”³, sendo percebido um caráter sagrado. E, em contrapartida, a relação que é estabelecida nas dependências do parque, denominado o lado externo do museu, onde a liberdade das relações são posta em prática, dando um aspecto profano à dualidade.

Para explicitar o que será trabalhado neste texto, tecerei considerações, de uma forma geral e etnográfica, sobre o Museu Mariano Procópio e o seu acervo, por um lado; e o Parque Mariano Procópio por outro.

Um olhar etnográfico sobre o museu Mariano Procópio

O Museu Mariano Procópio apesar de seu reconhecimento ser menor do que os museus em relação a algum tipo de realização ou comemoração nacional (quero deixar claro que não estou falando de importância, visto que o Museu Mariano é o segundo museu em documentação do período Imperial, ficando atrás apenas do Museu Imperial) foi residência de um personagem ilustre, com uma importância no cenário regional, um dos principais contribuintes para a fomentação e desenvolvimento da cidade de Juiz de Fora, sendo também um dos responsáveis pela construção da Estrada União Indústria, que ligava Juiz de Fora ao Rio de Janeiro, proporcionando uma maior dinamização na economia dessas regiões na segunda metade do século XIX. Além dessas particularidades econômica e política, ele era amigo de D. Pedro II. Estamos falando de Mariano Procópio.

A sua casa, ou como era conhecida: “Villa”, onde hoje se encontra o acervo e a biblioteca de livros raros, possui características monumentais. A mansão tem o aspecto portentoso das grandes obras da época, não dispensando os pilares e os imensos portões, além dos belos jardins, que também tiveram influência estrangeira. Constitui-se em um templo da cultura juizforana.

³ Conceito cunhado por Nestor Canelini.

O Museu foi uma doação de um dos seus filhos, Alfredo Ferreira Lage, em 1936. A maior parte da coleção que se encontra hoje no museu pertencia também à família. Alfredo investia sua fortuna em aquisição de preciosidades minerais, enquanto, também, participava de leilões no Brasil e no exterior, arrematando jóias, telas, indumentárias e, até mesmo, móveis que fazem parte do acervo do Museu. Além disso, ele recebeu doações de pessoas ilustres tais como Afonso Arinos, Duque de Caxias, Viscondessa de Cavalcanti, do artista plástico Rodolfo Bernardelli, e muitos outros, destacando ainda o quadro de Pedro Américo: Tiradentes Esquartejado, símbolo da Primeira República.

Para a doação do Museu ao município de Juiz de Fora, Alfredo colocou algumas questões. Na escritura se encontravam seis exigências. Entre elas, ”a perpetuidade da denominação ‘Mariano Procópio’”; a proibição de alteração em “sua finalidade cultural” ; a permanência “das denominações atuais dadas às salas do museu” e a “proibição perpétua de serem retirados do museu os objetos artísticos, históricos e científicos a ele incorporados”. Uma outra exigência do doador foi a questão da administração do museu e do parque. Foi assim que nasceu o “Conselho de Amigos do Museu Mariano Procópio”.

Seu primeiro diretor foi o próprio doador, Alfredo Ferreira Lage, que, ainda segundo as exigências da escritura, exerceria “enquanto quisesse o cargo de diretor, com dispensa de submeter suas contas ao exame do Conselho, e com direito de usufruto dos bens ora doados, para o fim de conservar a sua atual habitação no imóvel”. Alfredo só deixou a direção do museu com sua morte, em 27 de janeiro de 1944.

No ato solene de doação do Museu Mariano Procópio(MMP) para a “sociedade”, contaram com a presença de autoridades, imprensa e membros da elite juizforana. Era uma conquista para Juiz de Fora, visto que o Museu tornar-se-ia o primeiro museu público mineiro. Um ambiente de pomposidade e requinte. Contudo, hoje a forma de interação entre a população e o patrimônio histórico é diferente.

O Museu Mariano passa por reformas contínuas, visto que tais obras são demoradas e fragmentadas. Não há uma política de prevenção, mas sim, fazendo uma analogia à área médica, espera-se chegar à UTI para que os médicos comecem a tomar providências na tentativa de salvar o doente. Todavia, há determinadas enfermidades que, mesmo curando, as seqüelas são irreversíveis.

Uma parte do forro do teto já chegou a desabar. Infiltrações são constatadas. Fiação elétrica está exposta, correndo risco de provocar um incêndio. Acredito que essa não seja a situação específica do Museu Mariano Procópio. Tive oportunidade de visitar o Museu Nacional, na cidade do Rio de Janeiro, e pude observar como há uma falta de conservação.

O MMP tem um parque que recebe o mesmo nome do Museu: Mariano Procópio. Nele há alguns caminhos que servem tanto para fazer exercícios físicos, principalmente para aqueles que moram perto, quanto para descansar ou, mesmo, explorar a beleza e o ambiente agradável.

No Parque Mariano Procópio, o ambiente externo desse patrimônio, há um mini-zoológico. Encontram-se animais típicos da Mata Atlântica. Há um lago na parte central do parque com cinco ilhotas, onde, em tempos distantes, aproximadamente sete ou oito anos, havia “pedalinhos” para os visitantes. Nessas pequenas ilhas também possuem micos, gansos e outros animais, além de diferentes tipos de peixes. O Parque possui ainda uma variedade de espécies de árvores, destacando Palmeiras Imperiais e um exemplar do Pau-Brasil. Há inúmeras trilhas que possibilitam ao visitante um contato com a natureza dentro da “selva de pedra” do cotidiano.

Esse “contato” com a natureza é um retorno ao sagrado, ao divino, ao transcendente, ao início de tudo... ao alfa(fazendo uma alusão à tradição judaico-cristã). Aqui podemos perceber que a sociedade não está em equilíbrio, sendo a crítica de Leach (1954) aos antropólogos preocupados com o equilíbrio estático da estrutura social. Há um conflito de campos específicos (BOURDIEU) que faz parte da própria dinâmica da sociedade.

Essa pequena descrição se dá para notar que o Museu é um local que podemos estabelecer uma perspectiva individualizada, buscando uma satisfação ou necessidade interna, através do conhecimento e informação que são disponibilizadas no Museu. Como também podemos estabelecer relações holísticas, ampliando os contatos e procurando uma “experiência de partilha social” (NERY, 2001:114). Essas conquistas e escolhas mudam através daquilo que Van Gennep chama de “ritos de passagem materiais”.

Ao passarmos pela entrada do Parque, estamos em um novo mundo, um local desconhecido com possibilidades a serem exploradas. Ao transpormos o soleira da porta

que dá acesso ao Museu propriamente dito, entramos num outro universo com novas regras e comportamento.

Parece que a nosso corpo e alma é atingida por um tipo de poder que modifica-nos. O ambiente “torna” sagrado (pelo menos para o espectador), reverenciado e cultuado. Fomos transportados a um outro mundo: um mundo de ficção, um mundo de deuses, um mundo de magia, de solenidade e de rito. A pessoa se sente mais importante e inteligente. Tem um respeito demonstrado com pequenos gestos, como, por exemplo, falar em tom sereno, tomar cuidado para não tocar e, mesmo, por as mãos para trás como um gesto de saudação à obra. Assim como alguns vão a Igreja para orar ou rezar em prol da edificação de Deus e dele mesmo, quando estamos no Museu fazemos uma devoção ao momento sócio-histórico e aos objetos pertencentes a um determinado personagem de nossa história, tendo por pano de fundo aquilo que Mauss (2004) chama de lei da contigüidade, ou seja, um pedaço de um ser ou seu objeto representa o todo.

Aquele silêncio que consome o ambiente interno do Museu pode ser comparado à oração individual quando um devoto posta-se diante de uma imagem ou altar. É o contato, através de ritos e tabus, do ser humano com um mundo antecessor e presente ao mesmo tempo (a dualidade novamente presente no nosso pensamento). A salvação é uma conquista individual. O “adquirir” cultura e conhecimento são processos individuais e interiorizados, tendo o livre arbítrio para escolher. Nesse mundo aonde seitas e religiões vêm surgindo de uma forma acelerada, e a procura por salvação (tanto no sentido terreno quanto espiritual) é uma nova modalidade de consumo que tenta satisfazer a alma, a mente e o corpo. Nessa sociedade caracterizada por acúmulo e efemeridade de informações, com “desencantamento do mundo” o Museu pode ser um dos instrumentos de manutenção, criação e reconfiguração entre nós servos e os deuses do mundo moderno: Informação, Conhecimento e Cultura (uma palavra pequena com inúmeros significados para diferentes grupos e campos).

Quando passamos para o outro lado, ou seja, para o Parque Mariano Procópio, podemos perceber um outro tipo de comportamento. Ali se estabelece uma “partilha entre os membros do grupo” (NERY, 2001:113). São famílias que procuram o parque nos fins de semana como forma de expressar o caráter “relacional”, na medida em que está em jogo é a ação de “compartilhar”, e não o gesto de consumir o “prazer” individual (Idem: 114).

Usa-se o Parque Mariano Procópio para se exercitar, para passear, em um final de semana, com a família. Pode ser também utilizado como uma parte do dia em que se tira para descansar e relaxar. Há muitos idosos que freqüentam as dependências do parque e aproveitam o tempo para uma conversa ou jogos, como dama e xadrez.

Uma outra modalidade que pode ser inserida na apropriação do objeto é a prática de namoro. Vemos muitos casais sentados nos bancos espalhados por todo o parque. Em muitas das vezes, o parque serve de referência para o primeiro encontro, visto que é um ambiente discreto, com uma área grande em que há qualquer tipo de refúgio e privacidade.

Uma outra relação social estabelecida é o encontro de homossexuais. Como o parque dispõe de uma área de intensa arborização e trilhas, alguns casais homossexuais escolhem tal ambiente para os seus encontros, já que é possível ver se alguém está próximo de você e tem tempo de se esconder ou evitar que uma determinada pessoa o veja explicitamente. Além disso, foi retratado pela imprensa local, há aproximadamente 9 meses, que o Parque servia como ponto de prostituição. Especificamente, era um espaço em que homossexuais aliciavam menores para relações.

Portanto, o Museu Mariano Procópio é interpretado de várias formas em diferentes contextos. Em sua gênese, foi visto como um patrimônio da sociedade mineira. Na década de 1990, especificamente, na segunda metade, foi anexado à propaganda sobre patrimônio e cultura, veiculada pela emissora de televisão Rede Globo. Alguns artistas faziam propagandas ratificando a importância do acervo do Museu Mariano Procópio, destacando a sua importância para Minas Gerais e o Brasil. Somando a isso, era e ainda é um ponto de referência em que as famílias leva (va)m os seus filhos para brincar no parquinho que existe no parque. Era também utilizado para fazer piqueniques. Hoje, muitos têm receios de ir ao Museu e principalmente ao parque, pois há um temor em deparar com uma situação diferente dos padrões sociais que regem a sociedade e o nosso cotidiano.

Quando perguntamos o quê sabem sobre o Museu Mariano Procópio, alguns lembram desses últimos fatos mencionados. Retratam o patrimônio com certo desprezo e ironia. Significa um lugar de perversão em que os valores de famílias são ignorados. Quero deixar claro que não estou realizando qualquer tipo de juízo de valor, mas sim, analisando e interpretando as palavras de alguns atores sociais.

Com isso, a dualidade é reforçada: o Museu como algo sagrado, contudo, as suas dependências são utilizadas para as realizações dos prazeres da carne, onde o pudor, segundo os parâmetros da sociedade, perde o sentido. O lugar torna-se um ambiente “livre” (há segurança no local e eles estão imbuídos da tarefa de reprimir essas ações, contudo, como foi dito, o terreno possui caminhos e trilhas, além de ser bastante arborizado) para aquilo que a sociedade recrimina fora daquele espaço.

Com isso, para finalizar essa parte, poderíamos dizer que o Museu Mariano Procópio é interpretado de várias formas por diferentes grupos sociais. É um ambiente que é destinado ao exercício físico e culto ao corpo: uma visão profana. É um espaço para a contemplação das obras de artes e da história, é o depositário da história de Juiz de Fora, levando consigo o nome de um dos representantes mais ilustres da região e canonizado: esse é o seu lado sagrado. É um local de relaxamento, uma oportunidade de passeio familiar; é um espaço de interação social: namorados, amantes, flertes, relacionamentos “proibidos”, prostituição, aliciamento. Num mesmo local, diferentes atividades, e, muitas delas, na teoria, são incompatíveis, conflitantes, desmistificando o equilíbrio estrutural da sociedade que fora retratado por vários antropólogos da tradição inglesa, destacando Radcliffe-Brown como um dos seus principais expoentes. Ou pensa-se que se repelem. Por exemplo, pressupõe que onde haja homossexuais se relacionando, não seja um ambiente em que a família possa freqüentar normalmente. Mesmo em um espaço que também é usado para práticas de exercícios com os variados intuitos, mas, que, de uma maneira geral, pode ser traduzido pela busca da manutenção e melhoramento da saúde, pode ser e é utilizado para o uso de drogas ilícitas.

Considerações finais

No interior do produto arquitetônico, busca-se uma identidade nacional, uma harmonização e (re) ligação (religião) com o passado e os nossos “deuses”. Uma introspecção dos valores culturais da sociedade. É o ideal de um todo integrado, ou seja, a memória, o rito e o mito compõem a identidade nacional no plano da ideologia. Do lado de fora, a unicidade se dissolve, dando lugar àquilo que Renato Ortiz (1994) chama de Cultura Popular, vivenciado no cotidiano pelos diferentes agentes.

Finalizando, vemos no turismo a possibilidade de trabalhar nesses dois campos distintos: acesso ao “prazer” individual através de uma sacralidade cultural manifestada pela materialidade e simbolismo que o Museu representa; e a possibilidade de promoção de eventos que torne viável o “sair de casa” (NERY, 2001:111) para realizar no Parque uma “participação” desses atores sociais e estabelecer uma doação entre as partes. São projetos diferentes, mas que podem usar a mesma ferramenta: o turismo.

Bibliografia.

LEACH, Edmund. *Sistemas Políticos da Alta Birmânia*. São Paulo: EDUSP, 1996.

MAUSS, Marcel; HUMBERT, H.. (1903) “Esboço de uma teoria geral da magia”. In: MAUSS, M. *Sociologia e antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify. 2004 pp49-181.

NERY, Paulo Roberto Albieri. O Passeio à Prainha: Estudo Antropológico do Consumo de Prazer nas Classes Populares. In: *Revista de Ciências Humanas*, v.1, n.2, 2001, pp 111-116.

PEIRANO, Mariza. “Análise antropológica dos rituais”. In: *O Dito e o Feito*. Mariza Peirano (org.), Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2002, pp. 17-40.

VAN GENNEP, Arnold. “A Passagem Material”. In *Rituais de Passagem*”. Van Gennep. Petrópolis, Vozes, s/d, pp. 34-40.